



ISSN 1981 - 3031

## **O PAPEL DA INTERNET E DO COMPUTADOR: OLHARES E DIZERES DE EDUCADORAS DE ESCOLAS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Maria Suely Cavalcante SILVA/ PPGE/CEDU/UFAL

### **RESUMO**

O presente artigo apresenta os resultados da investigação em que foi analisado o papel do computador e da internet no ensino fundamental de escolas da rede pública municipal de Maceió à luz dos dizeres de educadoras: coordenadoras pedagógicas, professoras polivalentes e articuladoras de informática. Para a sua produção foi realizada uma investigação qualitativa através da aplicação de entrevistas e questionários com 15 educadoras de 3 escolas públicas municipais. Os resultados indicam que mesmo havendo a presença de um articulador de informática nos laboratórios das escolas, não há uma parceria entre este profissional e os demais em relação ao planejamento das atividades pertinentes ao uso do computador e da internet e que, na maioria das vezes, este age de maneira isolada, desconsiderando assim as dificuldades e/ou potencialidades dos demais educadores.

**PALAVRAS CHAVE:** Escolas do Ensino fundamental, educadoras, papel da internet, computador, suporte pedagógico.

### **1. Introdução**

A Internet que corresponde a uma diversidade e variedade de recursos e serviços, disponíveis e/ou acessíveis a inúmeras pessoas em tempo real e em locais distintos é também considerada como um recurso didático e tecnológico capaz de conduzir e efetivar a aprendizagem em instituições de ensino, não somente privada, como também pública. Para Castells (2003, p.109), “por causa da flexibilidade e poder da internet, a interação social online desempenha crescente papel na organização social como um todo”.

Contudo ainda é comum, mesmo diante dos avanços tecnológicos e do investimento do governo Federal em relação à aquisição de equipamentos midiáticos e formações continuadas para escolas e educadores da rede pública respectivamente, ver e ouvir profissionais desta área indiferentes quanto à utilização do computador. As justificativas são

várias, vão desde a falta de tempo para formação até a indignação diante da possibilidade de ter que dar conta de dois ambientes distintos: sala de aula e laboratório de informática.

A respeito dessa resistência e/ou indiferença de alguns educadores, diante da aplicabilidade do computador, Fagundes faz o seguinte esclarecimento.

Não é um simples recurso pedagógico, mas um equipamento que pode se travestir em muitos outros e ajudar a construir mundos simbólicos. O professor só vai descobrir isso quando se deixar conduzir pela curiosidade, pelo prazer de inventar e de explorar as novidades, como fazem as crianças. (FAGUNDES, 2005, p. 12).

É importante considerar que os alunos, mediante o uso de computadores, conectados a internet, precisam ser muito mais do que leitores de hipertextos, eles necessitam de uma orientação, de uma mediação e para que isto ocorra, os educadores precisam estar conscientes das estratégias e procedimentos que inferem no uso de tal mídia, bem como dispostos a reconhecer as possibilidades que esta oferece ao processo de ensino-aprendizagem.

Diante da relevante necessidade da formação do educador, Almeida expõe que tal entendimento pode não apenas proporcionar o domínio dos recursos tecnológicos, mas também uma prática pedagógica reflexiva.

Para que o professor tenha condições de criar ambientes de aprendizagem que possam garantir esse movimento (contínuo de construção e reconstrução do conhecimento) é preciso reestruturar o processo de formação, o qual assume a característica de continuidade. Há necessidade de que o professor seja preparado para desenvolver competências, tais como: estar aberto a aprender a aprender, atuar a partir de temas emergentes no contexto e de interesse dos alunos, promover o desenvolvimento de projetos cooperativos, assumir atitude de investigador do conhecimento e da aprendizagem do aluno, propiciar a reflexão, a depuração e o pensar sobre o pensar, dominar recursos computacionais, identificar as potencialidades de aplicação desses recursos na prática pedagógica, desenvolver um processo de reflexão na prática e sobre a prática, reelaborando continuamente teorias que orientem sua atitude de mediação. (ALMEIDA, 1998, p. 2-3).

Em Alagoas, assim como em muitos outros estados brasileiros, o uso da internet ainda está aquém do esperado pelo MEC (Ministério da Educação). Segundo uma pesquisa divulgada em 11.12.2009 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2008 apenas 17,8% da população de Alagoas acessou a internet, o que proporcionalmente representa o percentual mais baixo do Brasil.

Assim, o MEC (2010), para facilitar a capacitação de professores e ainda possibilitar a inclusão digital das escolas públicas no mundo virtual criou, por meio da Secretaria de

Educação a Distância (Seed), o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) que tem como principal objetivo promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica.

Em Maceió, mediante as informações prestadas em novembro de 2009 pelo Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) da Secretaria Municipal de Educação (SEMED/AL), das 94 escolas de ensino fundamental da Rede Municipal de Educação, 56 aderiram ao referido programa, sendo que dentre estas somente 58% dispõem de laboratório de informática com acesso a internet.

Com isso e ainda argumentando em favor deste enfoque Oliveira afirma que:

Inserida no ambiente escolar, a internet é proposta como base para uma nova linguagem para a aquisição e construção de conhecimentos e como uma nova e revolucionária ferramenta para o trabalho docente, na medida em que vivemos em uma sociedade em rede, numa ampla teia de relações sociais na qual cresce, cada vez mais, a exigência de diálogo, interatividade, intervenção, participação e colaboração (OLIVEIRA apud SANTOS, 2003, p.305).

O NTE que atua como mediador entre o MEC e as escolas em relação a aplicabilidade dos recursos midiáticos, bem como com a formação continuada dos educadores, reconhece que as instituições, equipadas com computadores e internet precisam dispor de um profissional que possua as competências necessárias para intermediar o processo ensino-aprendizagem que é desenvolvido no laboratório.

Assim surge a figura do ‘Articulador de Informática’, que tem por finalidade conduzir as atividades desenvolvidas no laboratório de informática mediante a interação com o professor polivalente e com os projetos idealizados por ambos.

Infelizmente não há como precisar o número de tais profissionais nos ambientes escolares que dispõem da referida tecnologia, mas, segundo a SEMED, é um número consideravelmente reduzido, visto que a função do Articulador de Informática é ocupada, na maioria das vezes, por professores polivalentes que possuem habilidades com o computador e que conseqüentemente são afastados da sala de aula para atender as demandas do laboratório de informática.

Reafirmando a necessidade de haver um profissional com tais atribuições no ambiente escolar, Lopes garante que mesmo diante de um laboratório bem equipado, de professores bem treinados e da elaboração de projetos pedagógicos envolvendo o uso de mídias, a figura

do articulador ou coordenador de informática é altamente relevante para efetivar o processo pedagógico. Para ele, o referido educador

não é apenas um facilitador, mas o coordenador do processo, ele deve perceber o momento de mudar de etapas e de propiciar recursos necessários para impulsionar as engrenagens do processo, como por exemplo: a formação de professores e recursos necessários, como softwares.[Ele] deve estar atento e envolvido com o planejamento curricular de todas as disciplinas, para poder sugerir atividades pedagógicas, envolvendo a Informática. Entretanto, sem apoio da coordenação ou da direção, não terá força para executar os projetos sugeridos. (LOPES, 2002, s.p)

No entanto para que possamos refletir ou ainda considerar se o papel do articulador de informática representa um diferencial nas escolas de ensino fundamental da Rede Municipal de Maceió foi necessário apurar como e para que o computador está sendo utilizado e de que maneira os educadores enxergam a internet.

Para Levy (1999) uma tecnologia não é boa, nem má, mas depende do uso que se faz dela, do contexto em que se insere, logo ela precisa ser orientada por profissionais competentes.

Em suma, as preocupações e questionamentos, acima descritos, nos levaram a buscar, entre os profissionais que fazem uso do computador e da internet nas escolas da rede municipal de Maceió, como tais recursos tecnológicos estão sendo aplicados no ambiente escolar, diante do suporte pedagógico do articulador de informática.

Deste modo a descrição dos dizeres dos sujeitos será relatada no texto que segue.

## **2. Abordagem metodológica**

Para coleta das informações foram utilizados questionários com o objetivo de caracterizar os sujeitos em relação à idade, sexo, formação acadêmica, tempo de serviço, etc. As entrevistas, que foram gravadas no celular, objetivaram comprovar ou refutar as hipóteses já mencionadas.

A pesquisa foi prioritariamente qualitativa, apoiada pela coleta de dados quantitativos. Para Ludke (1986), um trabalho qualitativo deve ser rico em dados descritivos, fornecendo um plano aberto e flexível, além de focar situações reais.

Como seria impossível investigar todo o universo, trinta e três (33) escolas da rede pública municipal, optamos por retirar uma amostra de 10%, resultando em três (3) escolas. Para a definição das mesmas, foi levado em conta o critério de haver um(a) articulador(a) de

informática a disposição do laboratório, já que nem todas as instituições possuíam este profissional. Assim, as escolas, foram selecionadas através de sorteio dentre bairros distintos, ficando a amostra definida como sendo ESCOLA1, ESCOLA2 e ESCOLA3.

A coleta do *corpus* foi realizada ao longo do período de dois meses, novembro e dezembro/2009, envolveu quinze (15) profissionais da educação que atuavam nas referidas instituições.

A amostra dos entrevistados que atuavam na coordenação pedagógica e no laboratório de informática foi feita de forma aleatória e sem usar critérios estatísticos, visto que as instituições dispunham de um número muito reduzido de profissionais desta área. Assim contou-se com apenas um (1) coordenador pedagógico e um (1) articulador de informática, por escola.

Em relação ao universo de professores polivalentes, a amostra representativa correspondeu a 10% dos educadores que estavam lotados ESCOLA1 (instituição que possui o menor número de professores polivalentes), haja vista o curto espaço de tempo para a realização da coleta de dados. Assim, foram entrevistados três (3) professores polivalentes por instituição.

Com vistas a garantir uma melhor interpretação no relato dos dizeres dos sujeitos, preservando a identidade dos mesmos, foram utilizadas algumas siglas: CP- Coordenadora Pedagógica, AI – Articuladora de Informática e PP – Professora Polivalente. Os números que acompanham tais siglas indicam a escola a qual a educadora faz parte e as letras minúsculas deverão distinguir as profissionais com a mesma função na mesma escola.

Quadro 1

ESCOLA1	ESCOLA2	ESCOLA3
CP1	CP2	CP3
AI1	AI2	AI3
PPa1	PPa2	PPa3
PPb1	PPb2	PPb3
PPc1	PPc2	PPc3

Vale salientar que os educadores entrevistados colaboraram como muita presteza para o desenvolvimento da investigação e que todos eles tem acesso a internet, não somente na escola como também em suas residências. Por conseguinte, é importante ressaltar, mediante as considerações que seguem, a maneira como eles estão utilizando o computador e a internet como recurso pedagógico no ambiente escolar.

### 3. Resultados e discussões

A partir da análise do *corpus* obtido através da aplicação das entrevistas e dos questionários, faremos a seguir a descrição dos dizeres dos sujeitos investigados sobre a aplicabilidade da internet no ambiente escolar. Considerando as diversidades das escolas, lócus da investigação, e dos sujeitos envolvidos, será realizado uma descrição geral dos sujeitos e em seguida a análise particularizada dos dizeres por escola.

### **3.1 Caracterização dos Sujeitos**

A amostra foi composta de quinze (15) educadoras do gênero feminino, onde 27% tem entre 25 e 35 anos e 73% tem mais de 35 anos. As educadoras desenvolvem as seguintes funções: 60% são professoras polivalentes; 20% são coordenadoras pedagógicas, 20% articuladoras de informática. O tempo de experiências na área da educação varia entre cinco (5) a mais de dez (10) anos: 13% trabalham como educadoras há cinco (5) anos; 53% de cinco (5) a dez (10) anos e 34% há mais de dez (10) anos.

A maioria das educadoras – 73% -tem formação inicial em Pedagogia e cursaram ou estão concluindo a Pós-Graduação lato senso – Especialização. As demais – 27% - possuem formação inicial em outras licenciaturas, a exemplo da articuladora de informática que tem licenciatura plena em matemática. Dessas 27% educadoras, 25% concluíram Pós-graduação lato senso.

Sobre o contato com as Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs, 13% declarou que somente teve acesso aos recursos tecnológicos através do fazer pedagógico; 33%, incluindo a coordenadora pedagógica e a articuladora de informática da ESCOLA3, teve acesso por meio da participação em formações continuadas, promovidas pela SEMED ou pelos encontros pedagógicos da escola.

Ainda sobre o contato com as TICs, 20%, inclusive a articuladora de informática da ESCOLA1, declarou que foi mediante a formação acadêmica e 34%, ou seja, as demais entrevistadas reconheceram que todas as opções mencionadas correspondem aos meios pelos quais elas se aproximaram de tais recursos.

Por conseguinte, ao perguntarmos sobre a habilidade que possuem em relação ao uso pedagógico do computador e da internet, 40%, incluindo a coordenadora pedagógica da ESCOLA 3, declarou possuir pouca habilidade com tais recursos e 60% considerou que diante do conhecimento e desenvoltura dos demais profissionais da rede de educação, possui muita habilidade com tais tecnologias.

### 3.2 Dizeres dos sujeitos da ESCOLA 1

A coordenadora pedagógica da ESCOLA1 – CP1, após esclarecermos sobre o que seriam os recursos midiáticos, declarou que o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola prevê o reconhecimento das tecnologias. No entanto ao perguntarmos sobre como enxerga o papel do computador e da internet no ambiente escolar, assim como no processo ensino-aprendizagem ressaltou, apenas, que tal mídia era muito útil para pesquisas que devem ser realizadas tanto por alunos quanto por professores.

Segundo esta profissional, mediante o projeto pedagógico e a partir dos encontros pedagógicos, os professores polivalentes elaboram as aulas que deverão ser realizadas em sala de aula e, posteriormente, o articulador de informática - AI, definido por ela como aquele que faz a ponte com o conteúdo abordado na sala e o que deverá ser visto no laboratório, organiza como os trabalhos serão desenvolvidos neste ambiente. A única dificuldade que ela enxerga neste processo é a falta, esporádica, de internet no laboratório.

Face a justificativa da coordenadora, verifica-se claramente a falta de conhecimento da mesma em relação ao uso pedagógico das tecnologias de informática. Entende-se que diante da função que ocupa precisaria se posicionar melhor em relação à condução das atividades desenvolvidas pelos professores polivalentes e a articuladora de informática, sugerindo e promovendo parcerias.

Segundo Moran (s.d, s.p) o uso da internet na educação está fundamentado na interação humana, onde deve haver a colaboração entre alunos e professores. O autor afirma que “a internet nos ajuda, mas ela sozinha não dá conta da complexidade do aprender”.

A Articuladora de informática – AI1, afirmou que se considera uma ponte entre os professores polivalentes e as tecnologias, já que acredita que faz o intercâmbio entre as temáticas da sala de aula, apresentando a estes educadores as possibilidades para utilizá-las no computador, entretanto tal procedimento é realizado sem nenhuma orientação ou interação com a coordenação e/ou direção. É ela quem procura os professores para saber o que está sendo realizado em sala de aula para em seguida aplicar uma estratégia no laboratório.

Assim, embora AI acredite que os recursos disponíveis no laboratório são indispensáveis, já que representa uma forma lúdica para ensinar e aprender, ela não demonstra perceber a falta de interação que há entre seu trabalho e das demais educadoras.

A professoras PPa1, embora afirme que tenha participado de formações continuadas na área das TICs, diz que seu papel no laboratório é apenas auxiliar a AI1, pois, segundo ela, “mexe pouco com as máquinas”.

A professoras PPb1, ao referir-se sobre a possibilidade de o computador e a internet poder interferir na efetividade da aprendizagem dos alunos, admitiu que as crianças gostam de coisas diferentes, e que tal mídia “é até uma ferramenta que a gente usa na sala de aula pra dizer: Oh, quem não se comportar não vai pra informática”.

Tal depoimento deixa clara a necessidade de que o educador, enquanto mediador dos recursos tecnológicos, precisa estar aberto a formações que promovam não somente a utilização das TICs, como também a compreensão crítica da sua prática docente.

Todas as professoras polivalentes foram unânimes em declarar que o computador e a internet são recursos tecnológicos relevantes na educação, porém, nenhuma delas, em nenhum momento, demonstrou estar disposta a adotar uma prática pedagógica reflexiva, uma vez que o uso do computador, de forma isolada, não garante uma melhor qualidade no processo ensino-aprendizagem.

De acordo com Silva (2007, p.14), “os sites educacionais continuam estáticos, subutilizando a tecnologia digital, ainda centrados na transmissão de dados, desprovidos de mecanismos de internet, de criação coletiva”. Com isto faz-se necessário que os educadores desenvolvam competências para perceber tal deficiência e assim promovam uma nova forma de interagir com a tecnologia.

### **3.3 Dizeres dos Sujeitos da ESCOLA 2**

A Coordenadora pedagógica da Escola 2 – CP2 garantiu que no PPP de sua escola, está previsto o uso de recursos midiáticos e que considera o computador, bem como a internet “importante e fundamental”, entretanto, segundo ela, é necessário “que seja feito, anteriormente, um trabalho para orientar as crianças sobre o seu uso, para não serem mais um instrumento que fique só de brinquedo [...] só de interesse imediato”.

CP2 afirma que sempre no início do ano letivo, são sugeridas aos professores atividades pertinentes ao PPP, onde no final do ano letivo é feito o feedback do processo com todo o grupo. A mesma diz que não enxerga a resistência de alguns professores, em relação ao uso do computador, como uma dificuldade, pois, segundo ela, hoje, esse tipo de atitude “se encontra dentro da normalidade [...] é só uma questão de adaptação [...] tem quem já tá se modernizando”.

AI2 deixa claro que não somente elabora e coordena os projetos desenvolvidos no laboratório, referente ao uso do computador, pois também atua na coordenação da aplicabilidade das demais mídias na escola, assim como executa formações destinadas aos



professores na semana pedagógica, que ocorre no início do ano para assim demonstrar as ferramentas e possibilidades disponíveis.

AI2 afirma que ela é quem pensa e elabora todas as estratégias aplicadas no laboratório, uma vez que ainda existe uma grande resistência por parte dos professores em relação às estratégias que envolvem o uso do computador e da internet.

Por conseguinte, AI2 diz sempre buscar, junto a SEMED o que há de novo, já que não recebe orientação de nenhum outro profissional envolvido neste processo. Ela também garante que as formações continuadas e cursos, que frequentemente participa, ajudam-a a pensar em atividades e possibilidades diferentes das que já utiliza.

Em se tratando de uma escola inclusiva, pois há alunos com deficiência auditiva e mental, AI2 salienta que desenvolve uma importante parceria com a sala de recursos e que executa, com o auxílio dos intérpretes, o ‘projeto infosurdo’. O referido projeto consiste em momentos no laboratório onde as crianças com deficiência auditiva e mental assistem vídeos e realizam atividades pertinentes a sua deficiência, por meio de programas específicos.

A opinião das professoras polivalentes da ESCOLA 2 – PP2, em relação a considerar o uso do computador e da internet em seus planos de aula, está dividida. PPa2 afirma que prevê o uso de tais recursos em seu planejamento, PPb2 admite que ainda não faz tal menção, porque até então não havia tido contato direto com as TICs e Ppc2 revela que ‘não’ porque “pegou a turma já caminhando”.

PPa2 declara que ainda há um número considerável de professores que tem dificuldade até de ligar o computador. Explica que isso se dá devido a idade e/ou tempo de serviço, já que muitas vezes acreditam que não vão conseguir aprender mais. Para ela isto não pode representar um empecilho: “cabe ao profissional também se interessar em se aperfeiçoar”.

PPb2 confessa que teve acesso a formações na área das TICs somente na escola onde trabalha e que elas contribuíram imensamente, pois antes nem e-mail tinha.

Ao ser indagada sobre como enxerga o papel do computador e da internet no processo educativo, Ppc2 afirma que tais recursos “são bons [...] pois se vê que os alunos interagem bastante, principalmente com os jogos”. Entretanto declara que até o momento ainda não prevê o uso dos mesmos em seus planos.

Vale salientar que as professoras polivalentes dessa escola, embora com acesso a formações que são desenvolvidas na própria escola e no horário previsto para planejamento, ainda não se deram conta das estratégias que podem adotar mediante o acesso ao laboratório e seus respectivos recursos midiáticos. Entretanto a iniciativa da coordenadora pedagógica e da

articuladora de informática em efetivar não somente o ensino como também a aprendizagem dos docentes demonstra o quanto estão comprometidas com a educação.

### **3.4 Dizeres dos Sujeitos da ESCOLA 3**

A coordenadora pedagógica da ESCOLA 3 – CP3, embora nunca tenha participado de formações voltadas ao uso das TICs, garante que o PPP da instituição prevê o uso dos recursos tecnológicos e que mediante os encontros pedagógicos promovidos pela escola o AI3 interage com os grupos de professores para saber qual ou quais as temáticas que poderão ser trabalhadas no laboratório.

Para CP3, a única dificuldade encontrada no uso do computador e da internet no ambiente educacional é a adequação dos horários, pois para ela fica difícil conciliar com as demais atividades ‘extraclasse’. Constata-se, mediante a fala desta profissional, que a ida dos alunos ao laboratório é considerada como um desafio a ser superado por ela, já que precisa, muitas vezes, substituir a professora na sala de aula.

A Articuladora informática – AI3, diz que busca nos recursos tecnológicos uma ferramenta a mais para reforçar os conteúdos trabalhados em sala de aula convencional e que através das formações oferecidas pela SEMED tem aprendido a utilizá-los de forma criativa e diferenciada.

Esta profissional, que planeja os momentos no laboratório mediante o plano de aula do professor polivalente, declara que o computador e a internet, quando bem empregados, são importantíssimos na construção da formação integral do aluno e que mediante o uso destas mídias orienta-os a pesquisar sobre os temas abordados em sala de aula, bem como elaborar suas próprias produções.

AI3 enxerga, como sendo a única dificuldade encontrada neste processo educacional, o número reduzido de computadores no laboratório, pois desse modo sente-se obrigada a dividir as turmas em dois grupos, o que faz com que os alunos frequentem o laboratório a cada 15 dias ou até um mês, dependendo das demais ‘atividades extras’ que podem surgir.

Ao ser indagada sobre uma possível parceria entre as atividades na sala de aula e no laboratório, AI3 declara que esta parceria existe sim, pois “os professores planejam o que querem trabalhar em suas salas e dizem o que querem que seja trabalhado no laboratório”.

É válido esclarecer, que embora AI3 declare que o computador e a internet devem ser vistos como ferramentas de aprendizagem, a mesma não os explora efetivamente, de modo

que assume que os utiliza apenas para pesquisar ou reproduzir um tema trabalhado na sala de aula, deixando a desejar, também, a forma como interage com as demais colegas educadoras.

Para Behar (2009, p.23) a função das Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs pressupõe muito mais do que fixar o conteúdo trabalhado na sala de aula. Para ela “o papel das TICs é contribuir para diminuir [a] distância pedagógica, assegurando formas de comunicação e interação entre os ‘atores’ envolvidos no processo de construção de conhecimento [...]”.

As professoras polivalentes da ESCOLA 3 – PP3 afirmaram que o uso do computador, bem como da internet, não está previsto em seus planos de aula, uma vez que cabe ao AI3 planejar e conduzir as atividades pertinentes a tais tecnologias. Deste modo, mais uma vez, é possível verificarmos o quanto o AI precisa se posicionar diante de suas atribuições e em relação à aplicabilidade da internet.

É válido salientar que nesta escola nenhuma das professoras polivalentes frequentam o laboratório, já que os alunos são conduzidos pela AI3. Segundo as professoras, a metade dos alunos vai para o laboratório e a outra metade fica na sala de aula para receber uma espécie de reforço escolar, já que aborda conteúdos específicos e dá um maior apoio aos que apresentam determinada dificuldade de aprendizagem.

PPb3 destaca que o computador em comunhão com a internet “é uma ferramenta bem ampla [...] tem várias possibilidades, pois pode ser usado como fonte de pesquisa para alunos e professores [...] e também tem os programas como *Word* para digitar, *Excel* para calcular as notas dos alunos e *Power Point* para preparar aulas [...] hoje mais do que nunca é uma contribuição enorme”.

Esta profissional acredita, ainda, que colabora com a AI3 sugerindo atividades que podem ser iniciadas na sala de aula como, por exemplo, o estudo sobre pintores famosos, onde através do laboratório o aluno pode pesquisar sobre a biografia do pintor, bem como reconhecer suas telas.

Segundo PPa3 um dos pontos negativos que enxerga neste processo educacional é o fato de que os alunos, passam semanas sem ir ao laboratório, tendo em vista o choque com outras atividades extra classe, o longo espaço que está previsto no calendário da escola, já que a cada período (manhã ou tarde) apenas uma turma é levada ao laboratório ou ainda por causa dos problemas técnicos apresentados pelas máquinas disponíveis neste ambiente.

#### **4. Considerações Parciais**

Mediante os dizeres das educadoras, é possível deduzirmos o quanto a maioria delas precisa repensar sua prática e construir novas formas de ação. As atitudes e procedimentos, revelados a partir das falas e aqui descritos, demonstraram que o computador e a internet, quando utilizados como ferramentas pedagógicas, estão sendo empregados, na maioria das vezes, para transmitir informações e não para produzir e socializar conhecimentos.

É possível considerarmos, também, que o articulador ou coordenador de informática, considerado por Lopes (2002) como peça principal desse processo e definido pelos sujeitos como um facilitador da aprendizagem, aquele que faz o intercâmbio entre as atividades da sala de aula e do laboratório, age, na maioria das vezes, de maneira isolada, desconsiderando assim as dificuldades e/ou potencialidades dos demais educadores. Para Lopes, este profissional deve ir além, ele tem que:

Ter a visão geral do processo e estar receptível para as devidas interferências nele; Perceber as dificuldades e o potencial dos professores, para poder instigá-los e ajudá-los; Mostrar para o professor que o Laboratório de Informática deve ser extensão de sua sala de aula e esta deve ser dada por ele e não por uma terceira pessoa e estar constantemente receptível a situações sociais que possam ocorrer (LOPES, 2002, s.p).

Podemos assim considerar que o processo educacional, que envolve o uso do computador e da internet, não requer apenas a presença de um profissional que facilite o acesso às tecnologias. É necessário, que tanto este sujeito quanto os demais educadores estejam dispostos a promover uma aprendizagem cooperativa, onde todos possam ter prazer em dividir as tarefas em prol do bem de todos, da formação do aluno, do cidadão. “Cooperar é atuar junto, de forma coordenada, no trabalho ou nas relações sociais para atingir metas comuns” (CAMPOS et. al, 2003).

Por conseguinte, as formações que envolvem o uso das mídias educacionais precisam não somente apresentar as potencialidades do computador ou da internet, mas principalmente valorizar e edificar as potencialidades do educador. A auto-estima deste profissional deve ser erguida, de modo que ele se sinta parte deste contexto e assim se disponha a aprender a aprender.

O Documento Orientador do MEC (2009, s.p) expõe a “intencionalidade de uma nova organização curricular em erigir uma escola ativa e criadora e onde um dos indicativos para o processo de formação humana compreende a utilização de novas mídias e tecnologias educacionais, como processo de dinamização dos ambientes de aprendizagem”.

Portanto, gestores, coordenadores e educadores precisam deixar de enxergar o momento no laboratório como mais uma ‘aula extra’. O acesso a informação que este ambiente dispõe a alunos e professores não pode apenas transmitir informação, deve gerar reflexão, comunicação, construção, interação, formação.

### Referências

ALMEIDA, M. E. Novas tecnologias e formação de professores reflexivos. In: *Anais do IX ENDIPE* (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino). Águas de Lindóia, p.2-3, 1998.

BEHAR, Patrícia Alejandra. *Modelos Pedagógicos em Educação à distância*. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 23.

CAMPOS, Fernanda C. A. et al. *Cooperação e Aprendizagem On-line*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CASTELLS, Manoel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 109.

FAGUNDES, Léa da Cruz. *Podemos vencer a exclusão digital*. Nova Escola. Nº 172. p.12, agosto de 2008.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Acesso a internet aumenta 75,3%. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1517](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1517)> Acesso em 08 jan. 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LOPES, José Junio. A introdução da informática no ambiente escolar. Disponível em: <<http://www.clubedoprofessor.com.br/artigos/artigojunio.htm>>. Acesso em 02 dez. 2009.

LUDKE, Menga; MARLI, E. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

Ministério da Educação (MEC): 10% das escolas públicas têm internet. Disponível em: <[http://www.idbrasil.gov.br/noticias/News\\_Item.2004-07-29.4103](http://www.idbrasil.gov.br/noticias/News_Item.2004-07-29.4103)>. Acesso em 09 fev. 2010.

MEC/UNESCO. Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2001. Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o Século XXI.

MORAN, José Manuel; CASIMIRO, Vitor. *A Internet nos ajuda, mas ela sozinha não dá conta da complexidade do aprender*. Entrevista à C. Educacional. Junho, 2003. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0025.asp>>. Acesso em 01 jun. 2010.

OLIVEIRA, Elsa G. Apud LACERDA SANTOS, Gilberto. A internet na escola fundamental: sondagem de modos de uso por professores. São Paulo, set. 2003. Disponível em:

< <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a08v29n2.pdf> >. Acesso em 08 dez. 2009.

SILVA, Marco. *Sala de Aula Interativa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2007, p.14.